



SNBU 2025

XXIII Seminário Nacional de
Bibliotecas Universitárias

17 A 20 DE NOVEMBRO
SÃO PAULO - SP

Eixo 1 – Biblioteca e Sociedade

Dignidade menstrual e mediação da informação: o papel transformador da biblioteca universitária

Menstrual dignity and information mediation: the transformative role of the university library

Ana Lúcia da Silva Araújo – Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ) –
analuciaeci@gmail.com

Leila Aparecida Anastácio – Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM) –
leila.anastacio@uftm.edu.br

Resumo: Relata a experiência de uma biblioteca universitária que substituiu multas financeiras por doações de produtos de higiene menstrual. O objetivo foi promover dignidade menstrual, combater a pobreza, minimizar impactos desse período na vida de quem menstrua, fomentar debates sobre desafios menstruais e desconstruir estigmas, além de disponibilizar absorventes nos banheiros. A iniciativa tornou-se uma ação de mediação cultural e responsabilidade social, com amplo engajamento, redução de constrangimentos e fortalecimento da biblioteca como espaço inclusivo. Ultrapassou seu propósito inicial, tornando-se um marco de transformação no campus.

Palavras-chave: Higiene. Mulheres. Menstruação. Serviços de informação.

Abstract: This paper reports on the experience of a university library that replaced financial fines with donations of menstrual hygiene products. The aim was to promote menstrual dignity, combat poverty, minimize the impact of this period on the lives of those who menstruate, encourage debates about menstrual challenges and deconstruct stigmas, as well as making pads available in the toilets. The initiative has become an action of cultural mediation and social responsibility, with broad engagement, a reduction in embarrassment and the strengthening of the library as an inclusive space. It went beyond its initial purpose, becoming a landmark of transformation on campus.

Keywords: Hygiene. Women. Menstruation. Information services.





1 A BIBLIOTECA, O TEMPO E O SEU SIGNIFICADO

Há milênios, as bibliotecas foram consideradas templos dedicados à preservação e transmissão de conhecimento e cultura ao longo das gerações, com acesso reservado a um grupo seletivo masculino. Seu significado se transforma ao longo do tempo, introduzindo novas perspectivas. Por sua simbologia, em eventos históricos, foram queimadas e destruídas para apagar memórias, identidades e valores de uma época. Nas últimas décadas, as bibliotecas vêm se transformando em espaços socioculturais mais inclusivos e acessíveis para todos.

Preservar o conhecimento, sua função original, continua sendo um valor fundamental. Contudo, na contemporaneidade, o papel das bibliotecas vai além da guarda e disponibilização de conteúdo, abrangendo o compromisso com a luta contra a censura e influências políticas, a oferta de serviços públicos e gratuitos, e a promoção da inclusão social. Valores como igualdade, inclusão, acessibilidade e incentivo à leitura possibilitam aperfeiçoar a atuação e prestação de serviços à comunidade.

No processo de democratização do acesso, novos suportes dos registros permitem a oferta de produtos e serviços nas unidades de informação. A nova dinâmica de cadastros e empréstimos de materiais obrigam adaptar também a gestão dos prazos para devolução, como garantia ao controle da integridade e retorno dos itens. Como consequência, há a previsão de sanções em caso de descumprimento.

As sanções, em sua maioria, consistem em suspensões no acesso a alguns serviços por determinado período e/ou no pagamento de taxas, calculadas conforme os dias de atraso e a quantidade de material. Logo, o acesso a empréstimos é vedado.

O relato de experiência descreve a iniciativa da biblioteca do Campus Sete Lagoas (CSL) da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ) em organizar campanhas anuais com o objetivo de ajudar usuários a regularizar as situações que os impedem de ter acesso aos materiais de informação. A campanha permite a substituição do pagamento de taxas por entrega de produtos doados para saldar os valores. A doação é encaminhada para entidades de assistência social. Essa abordagem buscou equilibrar as contradições entre a preservação do acervo e o direito ao acesso à informação. Ademais, também ajuda a fortalecer os laços entre a biblioteca e a comunidade acadêmica, e o seu papel de agente sociocultural, com políticas de inclusão e acessibilidade.



1.1 O sistema educativo/punitivo como estratégias para dignidade e inclusão

Embora as medidas educativas/punitivas possam parecer contraditórias em relação à função educacional e sociocultural das bibliotecas¹, reconhece-se que são necessárias para garantir a proteção dos acervos e assegurar a disponibilidade dos materiais aos interessados. Apesar de a maioria das pessoas demonstrar senso de coletividade e postura responsável, não se pode ignorar a possibilidade de que os itens emprestados não sejam devolvidos, prejudicando o acesso de outros usuários.

A política de gestão das bibliotecas da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ) estabelece a cobrança de taxas financeiras decorrentes de atrasos na devolução, perda e danos permanentes de materiais, como livros e chaves, que devem ser pagas por meio da Guia de Recolhimento da União (GRU). Enquanto não efetuar o pagamento, a pessoa fica impedida de acessar serviços que impactam o desenvolvimento de suas atividades de ensino e pesquisa, além de impedimentos nos trâmites de processos acadêmicos como colação de grau, trancamento ou cancelamento de matrícula.

Para minimizar as dificuldades e barreiras impostas, a Biblioteca CSL tem como política, promover campanhas anuais possibilitando à comunidade acadêmica resolver as pendências por meio da entrega de produtos, como de vestuário, geralmente de inverno, material escolar e outros. Os itens são doados a instituições de assistência social. Tal iniciativa é uma alternativa mais humanizada, considerando a possibilidade de que a pessoa tivesse peças em desuso, beneficiando outras pessoas.

As mudanças no objeto, e finalidade da campanha de 2022, vieram a partir do relato de uma funcionária da equipe de limpeza sobre os recursos improvisados para higiene pessoal durante o ciclo menstrual, descartados nos banheiros do campus. A situação despertou uma reflexão sobre a necessidade de direcionar a campanha a um grupo que enfrenta um desafio invisível aos olhos da sociedade, principalmente a quem não menstrua. Assim, pela primeira vez, a campanha recebeu exclusivamente produtos para gerenciamento de higiene íntima menstrual.

¹ Em instituições públicas, a questão assume um caráter ainda mais crítico, uma vez que o bibliotecário tem o dever legal de zelar pelos “bens duráveis” como mobiliário e materiais de informação. Nesse contexto, o interesse público prevalece sobre os interesses individuais, tornando indispensável implementar medidas de segurança nesses ambientes para garantir a devolução ou a substituição de itens em caso de perda ou dano permanente.



2 NÃO VEJA, NÃO FALE, NÃO OUÇA: MISOGINIA E A LEI DO SILÊNCIO

A menstruação, um processo fisiológico natural no corpo feminino, marca o início da puberdade e envolve sangramento devido à descamação do revestimento uterino na ausência de fertilização. Apesar da sua condição natural, permanece envolta em mitos, tabus e estigmas, frequentemente abordada com constrangimento entre mulheres, e/ou na presença de pessoas do sexo masculino.

Devido ao preconceito associado à palavra "menstruação", é comum o uso de figuras de linguagem para se referir ao tema no cotidiano. Buscando no ChatGPT expressões populares que as mulheres usam para se referir ao período menstrual, a ferramenta respondeu que “existem várias maneiras de se referir à menstruação de forma mais discreta ou suave”, como “estou naqueles dias”, “estou na minha lua”, “estou nas regras” entre outros. O que chama atenção, nesse caso, é que não foi pedido para buscar maneiras mais "discretas ou suaves", mas apenas expressões populares. Considerando os antônimos das palavras, é evidente que o assunto é tido como inconveniente e indelicado; refletindo até mesmo nos padrões linguísticos de interações entre humanos e máquinas.

Maureen C. McHugh² relata que a sociedade, por meio de mensagens negativas sobre o corpo feminino e respostas desfavoráveis associam a menstruação como algo negativo, e que a “conversa das mulheres sobre a menstruação é frequentemente negativa por seu foco na dor, desconforto e mau humor” (McHugh, 2020, p. 409).

A misoginia se manifesta de diversas maneiras. A censura e o pudor impostos ao corpo feminino se expressam no silêncio das mulheres e impede a manifestação de uma questão latente: a ausência de políticas públicas para lidar com a gestão do ciclo menstrual em suas rotinas. Quando temas como a saúde menstrual são ignorados em debates sobre inclusão e acessibilidade, isso não é um "esquecimento", mas uma manifestação de um sistema que naturaliza a ideia de que as necessidades das mulheres são irrelevantes; carimbadas como tabu, os discursos são mais lentos. A falta de acesso

² Historicamente, a maioria das pesquisas eram conduzidas por homens, o que pode explicar a pouca atenção aos aspectos da saúde menstrual e problemas sociais. Embora não tenham sido encontrados dados estatísticos, observou-se que a maioria das pesquisas foi conduzida por mulheres. Portanto, este trabalho optou por citar o nome e sobrenome das autoras para destacar sua liderança na pesquisa sobre este assunto.



a absorventes higiênicos em espaços educacionais, ou a vergonha associada a discutir publicamente o período menstrual, teve e tem impactos graves na saúde física e mental, privação de liberdade, prejuízos à autoestima e na evasão escolar.

Para conceituar a falta de acesso aos recursos necessários para gerenciar a higiene menstrual, utiliza-se o termo pobreza menstrual. De acordo com a Unicef (2021) a falta infraestrutura adequada e informação sobre a menstruação impacta na saúde, na educação e na qualidade de vida de mulheres e meninas em todo o mundo. Diversas pesquisas em várias regiões do mundo reportam que, quando não se tem acesso a produtos adequados, são improvisados outros meios para conter o sangramento. A Unicef (2021, p. 11) também alerta que o manejo inadequado pode levar a problemas de saúde, como alergias, irritações, infecções e até condições mais graves, que podem levar a óbito. A ONU (2021) reconheceu a pobreza menstrual como um problema de saúde pública, e a falta de recursos como uma violação dos direitos humanos, pois afeta diretamente a saúde, a educação e a dignidade de milhões de pessoas em todo o mundo.

A pesquisa de Viviane Oliveira *et al.* (2023) sobre o acesso e práticas de higiene na América Latina cita que a negligência histórica relacionada à saúde menstrual, o silêncio e a etiqueta social marcam a descrição sobre o assunto em todos os espaços. As autoras concluíram que 'as dificuldades de acesso a sanitários, água e materiais absorventes' levam muitas estudantes a faltarem às aulas (Oliveira *et al.*, 2023). O estudo de Silvia Castro e Kristina Czura (2025) em zonas rurais de Bangladesh, foram investigados os mitos e a desinformação relacionada ao sangue menstrual em outras culturas, que também consideram o sangue menstrual como “sujo, tóxico ou impuro” na Índia, Nepal, Fiji, Ilhas Salomão e Papua Nova Guiné. Ainda há quem acredite que “ver sangue menstrual pode trazer infertilidade e cegueira” (Garikipati; Boudot, 2017, *apud* Castro; Czura, 2025) e “má sorte aos homens” (Mohamed *et al.*, 2018 *apud* Castro; Czura, 2025). Em algumas regiões, existem restrições quanto ao banho, rezar, cozinhar, atender convidados, dentre outras atividades sociais, relatam as autoras.

Situações semelhantes foram descritas por Anne Mutunda Lahme, Ruth Stern e Diana Cooper (2016) em um estudo realizado na zona rural da Zâmbia, no qual estudantes relataram estresse constante e vergonha. Em casa, não poderiam mencionar a menstruação na presença de homens e deveriam ocultar qualquer aspecto visível da



menstruação, como esconder absorventes em gavetas. As estudantes também relataram a Lahme; Stern e Cooper (2016, p. 5), as humilhações e zombarias por parte de professores e colegas do sexo masculino devido aos vazamentos e quando viam absorventes em suas bolsas. Com a cultura do silêncio, elas sequer poderiam se queixar sobre as situações em casa. Em consequência, optavam por não ir à escola e não conseguiam recuperar o conteúdo das aulas que perderam.

A maioria das mulheres relatam mal-estar físico e mental durante a menstruação, “vivenciando estresse e vergonha”, além do medo de que manchas ou odores sejam percebidos por outras pessoas, concluem Castro e Czura (2025). A pesquisa de Lahme, Ster e Cooper (2016, p. 2), relatam os mesmos casos em outras regiões na África e Ásia, sendo comum que as meninas fiquem em casa durante o período, evitando a situação de constrangimento e medo de vazamentos. Até pelas palavras, percebe-se o peso do momento, de acordo com McHugh (2020, p. 410), pois “o uso de linguagem como “vazamentos” isolou o sangue menstrual como fora da norma aceitável e reafirmou que a menstruação não deve ser vista”.

Percebe-se que a questão vai além da saúde e higiene, mas representa obstáculos no desempenho escolar, impactos na autoestima, conforto e acolhimento. Praticamente todas as bibliografias consultadas destacaram os impactos na saúde emocional, desconforto, insegurança e estresse e o impacto nas atividades educacionais.

2.1 A biblioteca como espaço de mediação conhecimento e cultura

A mediação é apresentada por Almeida Júnior (2015) como mecanismo para a construção do conhecimento e destaca o profissional bibliotecário como mediador do conhecimento. Almeida Júnior (2015, p. 14) explica o bibliotecário como “profissional que medeia a necessidade informacional e as informações que pretendem satisfazer essa necessidade”.

A mediação informacional de Almeida Júnior (2015, p. 25) é:

Toda ação de interferência – realizada em um processo, por um profissional da informação e na ambiência de equipamentos informacionais -, direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural; individual ou coletiva; visando a apropriação de informação que satisfaça, parcialmente e de maneira momentânea, uma necessidade informacional, gerando conflitos e novas necessidades informacionais



Mendonça; Feitosa e Dumont (2019) direcionam o papel do profissional da informação e dos serviços ofertados como mecanismos para a mediação cultural. Em tal direção, as campanhas anuais promovidas na Biblioteca, inicialmente voltadas para facilitar a quitação de taxas e apoiar organizações de assistência social, neste ano em questão, tiveram alterações em seu objeto e finalidade. Inspirada no movimento global de promoção da dignidade menstrual e combate à pobreza menstrual, a campanha da Biblioteca CSL ampliou seu escopo, reconhecendo também a necessidade de todas as pessoas, independentemente de sua condição financeira. É sabido que situações imprevistas podem acometer pessoas de todas as classes socioeconômicas: a menstruação pode ocorrer de forma antecipada e, em tais circunstâncias, pode faltar o acesso a absorventes, coletores menstruais, calcinhas absorventes ou outros produtos, ou as unidades que levam nas bolsas podem não ser suficientes para o período. Nesses casos, muitas recorrem a colegas ou improvisam meios para conter o sangramento e evitar “vazamentos”. Em tempo, o vazamento pode ser contido, mas o constrangimento, o receio e o desconforto, são difíceis de evitar.

É possível considerar a ação da unidade informacional como meio apresentado por Henriette Gomes (2024), ao tratar sobre responsabilidade social e ações coletivas para garantias dos direitos humanos e sociais, e permitindo o desenvolvimento do protagonismo social. Para Gomes (2024, p. 230):

Os atos de mediação da informação devem ser refletidos, planejados, executados e avaliados à luz do empenho determinado e organizado em direção à valorização e ao fortalecimento da reciprocidade na construção de ações coletivas promissoras à expansão da perspectiva dos comuns, à conquista e manutenção dos seus direitos humanos e sociais.

2.3 Dignidade menstrual no campus: a campanha, o projeto e o processo

Como as campanhas anuais já eram uma tradição no campus, os discentes estavam familiarizados com a dinâmica e costumavam perguntar no balcão de atendimento sobre a próxima edição. As condições das campanhas são anunciadas com antecedência, permitindo que os participantes se organizassem. Nesta edição, o projeto foi desenvolvido da seguinte forma:

Objetivos: 1) Promover a segurança menstrual, disponibilizando produtos nos banheiros da biblioteca; 2) Restituir à comunidade os valores pagos por meio de bens de benefício social, saúde e moral; 3) Estimular a discussão e conscientização sobre as necessidades



e adversidades comuns na vida das pessoas que menstruam, transpondo tabus sociais; e 4) Desconstruir o estigma em torno da menstruação, como algo sujo e vergonhoso, criando um ambiente de diálogo e livre de constrangimentos.

Procedimentos e etapas: a) Definir normas para participação; b) Estabelecer um período de duração; c) Escolher os tipos de produtos que seriam aceitos; d) Atribuir valores aos itens para abatimento nas taxas; e) Criar e distribuir o material de divulgação; f) Organizar local para depósito dos produtos; e g) Distribuir as unidades nos banheiros femininos da biblioteca.

Condições para Participar: seriam aceitos apenas absorventes (tradicionais, internos e reutilizáveis, calcinhas absorventes e coletores) em pacotes lacrados, na embalagem original. A atribuição dos valores foi baseada na média de preços praticados no mercado à época, com consultas realizadas em sites de supermercados, farmácias e lojas de produtos de higiene e beleza. Com base nisso, definiu-se a seguinte equivalência: pacote com oito unidades: R\$5; pacote com 16 unidades: R\$10; pacote com mais de 30 unidades: R\$20; calcinhas absorventes e coletores menstruais: R\$40. Devido à diversidade de marcas, não foi possível antecipar todas as situações. Houve casos em que foi necessário discutir internamente a atribuição de valor a alguns itens. Também foi estabelecido que a pessoa deveria entregar uma quantidade de produtos compatível com o valor total em aberto.

Divulgação: a campanha foi divulgada nas redes sociais do Campus Sete Lagoas e da Biblioteca CSL, além de cartazes fixados em locais de maior circulação de pessoas.

Por se tratar de uma biblioteca setorial, a iniciativa foi idealizada somente para o *campus*. No entanto, logo nos primeiros dias, devido à sua repercussão, a comunidade dos demais campi e a administração da universidade demonstraram interesse e solicitaram a adesão de todas as bibliotecas ao movimento. Ressalta-se que o regulamento das bibliotecas prevê autonomia às chefias das unidades para conduzir negociações relacionadas a débitos e casos não previstos. Logo, não se tratava de decisões isoladas, sem respaldo regulamentar. Com a participação de todos os campi, a iniciativa ganhou maior visibilidade, sendo divulgada nas redes sociais, sites e outros canais de comunicação da biblioteca e da UFSJ, além de mídias jornalísticas externas que destacaram a campanha, seus objetivos e impactos para o público feminino.



A distribuição dos itens: No recebimento dos produtos, era realizado o cálculo do valor correspondente a cada item, com base nos critérios predefinidos, e registro da quitação da taxa no sistema da biblioteca para possível auditoria. Logo na primeira semana, iniciou-se a etapa de disponibilização dos itens. Optou-se por não disponibilizar pacotes fechados; em vez disso, unidades avulsas eram organizadas em caixinhas de madeira, média de 10 unidades, e deixadas sobre as pias dos banheiros femininos. Com o aumento das arrecadações, os itens passaram a ser disponibilizados nos banheiros de todo o campus. Em 2024, a Biblioteca CSL enviou uma caixa com absorventes para as vítimas das enchentes em Porto Alegre, RS.

A campanha estava inicialmente prevista para ocorrer entre 20 de junho e 10 de julho de 2022, mas, devido à ampla aceitação, foi prorrogada. Em agosto, a UFSJ lançou o Programa Saúde Menstrual, voltado para estudantes beneficiários de auxílios da universidade. Na ocasião, solicitou-se o encerramento da campanha nas bibliotecas. No entanto, ela permaneceu ativa no CSL até dezembro do mesmo ano, com o objetivo de formar um estoque para distribuição até o lançamento de nova edição.

2.4 Diálogos abertos: dissolvendo o constrangimento coagulado

A equipe da Biblioteca CSL, composta exclusivamente por mulheres, recebeu com hesitação a comunicação sobre os objetivos da nova campanha. O principal motivo foi a vergonha de falar abertamente com os alunos sobre algo relacionado à menstruação, os detalhes dos produtos, além do desconforto em receber e manusear absorventes em público. Era como expor sua própria intimidade, e esse é um assunto “particular”, do qual “não se fala”, é constrangedor.

Nos primeiros dias, observou-se que, especialmente entre o público masculino, uma preferência por manter o pagamento das taxas via GRU, mesmo sendo a troca por absorventes uma alternativa financeiramente mais vantajosa. Em contrapartida, o público feminino demonstrou imediata receptividade, não apenas pelo benefício financeiro, mas também pela oportunidade de ter acesso facilitado a itens básicos de saúde e higiene e, em certa forma, gratuita.

Observou-se que, com o passar dos dias, os alunos do sexo masculino passaram a lidar com mais naturalidade e ficaram mais à vontade ao fazer perguntas e comentários como: “Onde vende mais barato?”, “Posso pagar com um pacote de 16 e



um de oito?”, “Que raiva! Comprei na farmácia, mas depois vi que no supermercado tá bem mais barato”, “Pedi minha mãe comprar pra mim e meu irmão ficou rindo”, “Sabia que nas lojas XXX está em promoção?”, ou ainda: “Eu comprei esse aqui. Tem problema?” referindo-se a protetores de calcinha e lenços íntimos umedecidos. As dúvidas podem demonstrar a falta de familiaridade com os itens de higiene menstrual, mas também revelaram uma mudança gradual no comportamento e receptividade a temas que possivelmente não faziam parte de seu dia a dia. Por outro lado, o constrangimento inicial da equipe da biblioteca deu lugar a uma abordagem mais descontraída e bem-humorada na interação com os estudantes, e relatos de situações cômicas logo se integraram às conversas informais “na hora do cafezinho”.

Quando a distribuição dos produtos³ foi iniciada, havia uma preocupação de que uma única pessoa poderia pegar todas as unidades de uma vez só, comprometendo a reposição e o acesso contínuo para as demais pessoas. No entanto, o que se observou foi o oposto: o uso responsável surpreendeu, demonstrando consciência coletiva e o respeito mútuo da comunidade e a importância de criar um ambiente baseado na confiança, no acolhimento e na compreensão.

A disponibilização aberta e sem restrições dos produtos teve como objetivo beneficiar a todas, e não apenas pessoas em situação de pobreza menstrual, partindo do entendimento de que a higiene menstrual é uma necessidade universal, e a intenção era promover o bem-estar de todas as pessoas que menstruam. Situações emergenciais são comuns, como esquecer itens em casa, esquecer de comprar a tempo, o fluxo pode chegar antes do previsto, dentre outras situações justificam a adoção de uma abordagem acessível e inclusiva.

3 IMPACTOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não falar sobre a menstruação já é um jeito de falar sobre ela. A omissão demonstra preconceitos perpetuados no dia a dia, declarou a Unicef (2021, p. 5). Ainda

³ A reposição dos produtos era realizada pela equipe de limpeza, que monitorava o consumo e repassava informações sobre a demanda. Essa dinâmica garantiu a eficiência do processo, e também as envolveu ativamente, fortalecendo o senso de colaboração e responsabilidade de equipe. Ademais, foi comum que a biblioteca recebesse doações de pessoas que não tinham pendências com taxas.



que não seja possível afirmar que a iniciativa tenha despertado empatia ou interesse maior dos indivíduos sobre a natureza do corpo feminino, pelo menos a simples presença de um absorvente no seu caminho, os forçou a olhar para uma questão sobre a qual não se faziam perguntas. O contato visual e físico com os pacotes, ainda que forçado, em um contexto de 'negociação financeira', já tornou o problema real, tangente na vida dessas pessoas.

A campanha ultrapassou seus objetivos iniciais, tornando-se um momento de transformação cultural no campus. Ao combinar a coleta de produtos de higiene menstrual com um sistema educativo/punitivo, desafiou as estruturas históricas de silêncio e invisibilidade feminina, levando a um processo de mediação cultural da informação ao expor os conflitos e tabus que cercam o tema. Conforme Bezerra e Cavalcanti (2020), a comunicação abre caminhos para a ressignificação de práticas e discursos socioculturais. A mediação cultural, nesse contexto, possibilitou a ressignificação de práticas e discursos, à medida que os sujeitos interagem com elementos simbólicos e informacionais. Além da mediação cultural (Mendonça; Feitosa; Dumont, 2019) considerando o papel do profissional bibliotecário e dos serviços ofertados pelas unidades de informação. Dessa forma, a campanha foi além do aspecto de negociação e inclusão, mas contribuiu também para a construção de uma ordem cultural mais democrática e plural - ou pelo menos, pensar sobre ela.

Criar uma cultura dentro das instituições de ensino para questões aparentemente "individuais" ou restritas a um gênero ou classe, como a menstruação, é, na verdade, parte integrante da construção coletiva e da dinâmica social. As bibliotecas universitárias podem colaborar. Nos anos seguintes, a campanha foi reeditada e novos produtos foram incorporados, como desodorante spray e creme dental, disponibilizados nos banheiros (feminino e masculino) do campus.

Um fato interessante passou a ocorrer nos momentos em que o estoque de absorventes e desodorantes diminuíram e deixaram de ser disponibilizados nos banheiros. Como alternativa, a biblioteca passou a entregar os itens no setor de atendimento: as alunas passaram a solicitar unidades de absorventes no balcão, sem constrangimento; no caso dos desodorantes spray (de uso compartilhado e deviam ser devolvidos), os estudantes pediam o frasco para aplicar no banheiro, e, no caso dos mais desinibidos usavam frente ao balcão mesmo, para “agilizar”, justificavam.



REFERÊNCIAS

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo. Mediação da informação: um conceito atualizado. *In*: BORTOLIN, Sueli; SANTOS NETO, João Arlindo; SILVA, Rovilson (org.). **Mediação oral da informação e da leitura**. Londrina: ABECIN, 2015. p. 9-32.

BEZERRA, Arthur Coelho; CAVALCANTE, Luciane de Fátima Beckman. Mediação cultural da informação para o reencantamento do mundo. **Encontros Bibli**, Florianópolis, v. 25, p. 1-19, 2020. Disponível em: <https://l1nq.com/cD8sD>. Acesso em: 30 jan. 2025.

CASTRO, Silvia; CZURA, Kristina. Cultural taboos and misinformation about menstrual health management in rural Bangladesh. **World Development**, v. 188, p. 106871, 2025. Disponível em: <https://encr.pw/bOhdB>. Acesso em: 30 jan. 2025.

GOMES, Henriette Ferreira F. O comum, a mediação da informação e o protagonismo social: interdependências para um mundo de preservação, igualdade e fraternidade. **Folha de Rosto**, Juazeiro do Norte, v. 9, n. 2, p. 226-241, 21 jan. 2024. Disponível em: <https://encurtador.com.br/4BCux>. Acesso em: 9 maio 2025.

LAHME, Anne Mutunda; STERN, Ruth; COOPER, Diane. Factors impacting on menstrual hygiene and their implications for health promotion. **Global health promotion**, v. 25, n. 1, p. 54-62, 2018. Disponível em: <https://encr.pw/F13Bt>. Acesso em: 1º fev. 2025.

MCHUGH, Maureen C. Menstrual Shame: Exploring the Role of ‘Menstrual Moaning’. *In*: Bobel C, WINKLER *et al.* (ed.). **The Palgrave Handbook of Critical Menstruation Studies**. Singapore: Palgrave Macmillan, 2020. Cap. 32. Disponível em: <https://encr.pw/WVCrM>. Acesso em: 30 jan. 2025.

MENDONÇA, Ismael Lopes; FEITOSA, Luiz Tadeu; DUMONT, Lígia Maria Moreira. Por uma relação cultural com a informação. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, [S.l.], v. 12, n. 2, 2019. Disponível em: <https://encr.pw/nmdfH>. Acesso em: 09 maio 2025.

OLIVEIRA, Viviane Caroline *et al.* Acesso e práticas de higiene menstrual na América Latina: revisão de escopo. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão P., v. 31, p. 4030-4030, 2023. Disponível em: <https://l1nq.com/IGN2m>. Acesso em: 01 fev. 2025.

ONU - ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Fundo de população das Nações Unidas. **Dignidade Menstrual**: Recomendações para Políticas Públicas. Brasília: UNFPA, 2021. Disponível em: <https://l1nq.com/dltTj>. Acesso em: 30 jan. 2025.

UNICEF. Fundo de População das Nações Unidas. **Menstrual no Brasil**: desigualdades e violações de direitos. 2021. 51 p. Disponível em: <https://encr.pw/DhrSc>. Acesso em: 30 jan. 2025.